

PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE EDUCADORES DA REDE PÚBLICA DE ITAPORANGA D'AJUDA-SE

Daiane Maria Pires e Silva¹
Fernando Fleury Curado²
Laura Jane Gomes³

1

RESUMO

A educação ambiental tem como principal objetivo a compreensão por parte do ser humano, da complexa natureza do meio ambiente e a percepção da interdependência dos elementos ambientais no espaço e no tempo. Apesar do crescente número de experiências nas últimas décadas, foi institucionalizada pela Lei 9795/99 como um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo. Dessa forma, o presente trabalho teve como objetivo central identificar e analisar a percepção ambiental dos educadores da rede pública de Itaporanga D'Ajuda, participantes do I Curso de Formação de Multiplicadores em Educação Ambiental. Para isto, utilizou-se da observação participante durante o curso, desenvolvido em 07 (sete) módulos (de março a junho de 2008), sendo registrados e analisados os discursos dos educadores, caracterizando-os de acordo com as correntes ambientalistas e com relação à percepção ambiental. Assim, de modo geral, os educadores mostraram-se bastante preocupados com a questão ambiental. Entretanto, foi possível verificar diferenças em seus discursos. De um lado, percebeu-se aqueles mais voltados para a preservação da natureza. Outros educadores, no entanto, demonstraram uma forte tendência à visão antropocêntrica. A maioria, por outro lado, demonstrou, principalmente nos discursos, a inclinação ao socioambientalismo, evidenciando a relação de interdependência entre homem e meio ambiente, e da necessidade da conservação dos recursos naturais. A compreensão destas diferentes perspectivas de leitura acerca do ambiente por parte destes educadores demonstrou o papel preponderante da construção de referenciais de educação ambiental que contribuam na conformação de uma prática pedagógica fundamentada nos princípios da sustentabilidade ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: percepção, educadores, educação ambiental.

¹ Bolsista PIBIC/CNPq – Eng. Florestal/UFS;

² Orientador – Embrapa Tabuleiros Costeiros;

³ Co-Orientadora – DEA/UFS.

1. INTRODUÇÃO

A conservação da qualidade ambiental e, conseqüentemente, da qualidade de vida tem sido uma preocupação de toda a sociedade. No entanto, o uso dos recursos naturais através de práticas que degradam o meio ambiente é um dos grandes entraves para o desenvolvimento sustentável. Para fazer frente a este desafio, políticas e técnicas que reforçam uma melhor gestão de recursos naturais fazem-se necessárias. A educação ambiental insere-se neste contexto como uma forma de provocar mudanças no modo de pensar e, conseqüentemente, de agir. Dessa forma, é fundamental a sensibilização e o despertar da consciência dos sujeitos em relação ao espaço onde vivem, no intuito de utilizar os recursos sem promover a degradação ambiental.

A educação ambiental se propõe a atingir todos os cidadãos, por meio de um processo educativo participativo permanente, que procura incutir no educando uma consciência crítica sobre a problemática ambiental, tornando-se um meio de transformação de antigos valores predatórios. Com isso, intensifica-se a demanda por atividades que estimulem o desenvolvimento de uma consciência ambiental, não só ecológica, do ponto de vista da natureza, mas também visando às questões sociais, culturais e econômicas relacionada à existência do homem.

O contexto histórico e a realidade local onde são desenvolvidas as ações educativas também devem ser considerados na elaboração de estratégias para se trabalhar a temática ambiental. Torna-se, portanto, um desafio o desenvolvimento de metodologias para a inserção deste tema nos currículos escolares, assim como para a educação ambiental não-formal, através de atividades com as comunidades locais. Para tanto, tornam-se fundamentais a sensibilização e a percepção ambiental, pois a partir daí, os sujeitos passam a realmente se sentir parte do processo educacional, tornando-o efetivamente participativo.

A atual educação reducionista, que ensina a memorizar e compartimentar as informações, através da fragmentação do ensino em disciplinas, é uma das responsáveis pelas dificuldades encontradas por educadores e educandos quanto à percepção do meio-ambiente. Isso porque a escola é o local onde o educando dá seqüência a socialização e construção de valores.

Portanto, as reflexões que dão início à implantação do debate sobre as questões ambientais devem contemplar aspectos que possam promover mudanças não apenas no modo de pensar e agir de cada indivíduo, mas que reflita na sociedade como um todo. É

preciso incentivar comportamentos ambientalmente corretos, no cotidiano da vida escolar, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes.

Dessa forma, torna-se importante o desenvolvimento da educação ambiental junto às instituições de ensino formal, para que os educandos e educadores possam ter a percepção do meio ambiente e da importância da manutenção dos recursos naturais.

Desse modo, o presente trabalho teve como objetivo realizar uma pesquisa acerca da percepção ambiental de educadores de escolas da rede pública de Itaporanga D'Ajuda, participantes do I Curso de Formação de Multiplicadores em Educação Ambiental, organizado pela Embrapa Tabuleiros Costeiros e realizado no Campo Experimental de Itaporanga D'Ajuda.

O público-alvo foi definido em função da importância sócio-ambiental desta localidade para a região, da fragilidade e da biodiversidade dos ecossistemas presentes e à necessidade de sua conservação. Partia-se da compreensão da necessidade de orientar os educadores, para o planejamento de seus cursos de acordo com filosofias ambientalistas, incorporando a temática ambiental às aulas, de modo transversal, utilizando metodologias que favoreçam o seu entendimento e proporcionem mudanças de atitude nas comunidades onde atuam.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A educação ambiental tem uma história muito recente. Somente na década de 60, quando se intensificaram as discussões acerca das relações existentes entre meio ambiente e desenvolvimento, a educação ambiental começou a ser discutida.

Em 1972, durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, foi aprovada a Declaração de Estocolmo, que introduziu, pela primeira vez, na agenda política internacional a dimensão ambiental como condicionadora e limitadora do modelo tradicional de crescimento econômico e do uso dos recursos naturais. Ainda em 1972, pesquisadores publicaram o estudo Limites ao Crescimento ou Relatório Meadows (Meadows et al., 1972), patrocinado pelo Clube de Roma. Este estudo concluiu que mantidos os níveis de industrialização, poluição, produção de alimentos e exploração dos recursos naturais, o limite de desenvolvimento do planeta seria atingido, em 100 anos, no máximo.

A conferência objetivava criar no seio da ONU bases para uma consideração abrangente dos problemas do meio ambiente humano e fazer convergir a atenção de governos e opinião pública em vários países para a importância do problema. Como resultado, foi criado o Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas, que marcou a transição do “Novo Ambientalismo” emocional e romântico dos anos 60 para a perspectiva mais racional, política e global dos anos 70. Além disso, trouxe o debate entre os países menos desenvolvidos e mais desenvolvidos para um fórum aberto e causou um deslocamento fundamental na direção do ambientalismo global (McCormick, 1992).

A primeira conferência intergovernamental sobre educação ambiental realizou-se em Tbilisi (ex-URSS), em outubro 1977. Foi organizada pela UNESCO, em colaboração com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA). Esta foi um prolongamento da Conferência de Estocolmo, onde se construiu o conceito de meio ambiente como uma série de elementos naturais criados pelo homem, e sociais, sendo que os elementos sociais constituem um conjunto de valores culturais, morais e individuais.

Conforme o informe final da conferência de Tbilisi, “A educação ambiental é parte integrante do processo educativo, deve girar em torno de problemas concretos e ter um caráter interdisciplinar. Sua tendência é reforçar o sentido dos valores, contribuir para o bem-estar geral e preocupar-se com a sobrevivência da espécie humana. Deve, ainda, aproveitar o essencial da força da iniciativa dos alunos e de seu empenho na ação, bem como inspirar-se nas preocupações, tanto imediatas, quanto futuras”.

A década de 90 é marcada pelos movimentos ambientalistas que, além de utilizarem meios para dar visibilidade à problemática ambiental, também procuravam compreender suas causas e resolver seus efeitos na qualidade de vida e nas condições de existência da sociedade.

A Rio-92 foi a maior reunião já realizada em todo o mundo para discutir a questão ambiental. As discussões acerca da educação ambiental durante este evento representaram um grande avanço, sendo consolidadas no Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, que foi elaborado pela sociedade civil e reconhece a educação ambiental como um processo dinâmico em permanente construção, orientado por valores baseados na transformação social.

Além disso, com a participação do Ministério da Educação, também foi produzida a Carta Brasileira para Educação Ambiental que, entre outros aspectos,

reconhece a educação ambiental como um dos instrumentos mais importantes para viabilizar a sustentabilidade como estratégia de sobrevivência do planeta e, conseqüentemente, de promover a melhoria da qualidade de vida humana.

2.2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

5

A educação ambiental, como resposta educativa à crise sócio-ambiental, passa a dar vez a um novo discurso centrado no desenvolvimento sustentável.

Educação ambiental pode ser definida como um processo educativo de construção da cidadania, que visa a qualidade de vida dos envolvidos e a consolidação de uma ética ecológica. Inserindo, assim, o elemento educativo no novo paradigma ambiental e propondo a rediscussão da presença humana na natureza (Rocha, 2006).

De acordo com Reigota (1995), este conceito está vinculado ao ambiente e a forma como este é percebido, estando presente em todos os espaços que educam o cidadão e a cidadã.

Para Oliveira (2006), educação ambiental é um processo coletivo, que busca principalmente o diálogo como forma de se chegar a um objetivo desejado, com alternativas sócio-ambientais que favoreçam a grande maioria e que integre o ser humano no seu meio.

Atualmente, existe uma concepção mais crítica de que a educação ambiental é um processo de construção da relação humana com o ambiente onde os princípios da responsabilidade, da autonomia, da democracia, entre outros estejam sempre presentes.

Na Conferência de Tbilisi, a educação ambiental foi definida como uma dimensão dada ao conteúdo e à prática da educação, orientada para a resolução dos problemas concretos do meio ambiente através de enfoques interdisciplinares e de uma participação ativa e responsável de cada indivíduo e da coletividade (Oliveira, 2006).

Pensar em desenvolvimento sustentável ou em sustentabilidade pressupõe ações práticas e teóricas de educação ambiental, no intuito de levar à compreensão e de despertar a percepção do indivíduo sobre a importância de ações e atitudes para a conservação do meio ambiente, em benefício da saúde e do bem-estar de todos.

2.3. PERCEPÇÃO AMBIENTAL

De acordo com Embrapa Tabuleiros Costeiros (2006), diante das aceleradas transformações que degradam o meio ambiente e a compreensão da existência de uma profunda crise ambiental que vem assolando os recursos naturais no mundo, faz-se necessário que as diversas esferas (territórios, municípios, comunidade, bairro, escolas, etc.) se envolvam e participem diretamente nas tomadas de decisão de gestão ambiental em suas comunidades.

Nessa crise de caráter ambiental, o ser humano figura como o principal responsável por esse desequilíbrio. Exatamente em função disso, precisa-se despertar para a identificação e maior compreensão sobre a importância da proteção e uso sustentável do meio ambiente.

Segundo Hammes (2004), percepção é um processo cognitivo de apreensão de uma informação ou estímulo presente no ambiente próximo ao indivíduo. A princípio, conforme a teoria de *gestalt*, ele representa o objeto ou estímulo em sua atividade psicológica interna, de forma consciente, identificando e categorizando. Depois constrói uma representação interna e automatiza o raciocínio a partir de sua apreensão.

Percebe-se, que cada indivíduo tem sua interpretação de espaço, de acordo com a realidade em que vive. O espaço vivenciado é que será refletido nas percepções, e esse parâmetro justifica a necessidade de compreender as ações de cada indivíduo, pois cada um tem uma percepção diferente.

Não existe percepção errada ou inadequada, mas percepções diferentes, condizentes com o espaço vivido. Através dos processos perceptivos, a partir dos interesses e necessidades, que se estruturam e organizam a interface entre realidade e mundo, selecionando-as, armazenando-as, e conferindo-lhes significados (Oliveira, 2006).

A educação ambiental deve prover os meios de percepção e compreensão dos vários fatores que interagem no tempo e no espaço para modelar o meio ambiente. Deve também definir os valores e motivações que conduzam a padrões de comportamento de preservação e melhoria do meio ambiente (Dias, 2003).

Segundo Teixeira (2007), educar ambientalmente passa pela sensibilização a respeito da importância de ações ligadas à preservação e conservação do meio ambiente e do correto uso dos recursos naturais.

Unindo a percepção à educação ambiental é possível realizar trabalhos com bases locais. Isto é, saber como os indivíduos percebem o ambiente em que vivem, suas fontes de satisfações e insatisfações.

3. METODOLOGIA

7

3.1 OBJETO DE ESTUDO

O I Curso de Formação Multiplicadores em Educação Ambiental foi realizado no período de vinte e sete de março a quinze de maio do corrente ano, sempre às quintas-feiras, em período integral, totalizando uma carga horária de cinquenta e seis horas presenciais.

O Curso foi composto por sete módulos: 1. Introdução ao Ambientalismo/Ar; 2. Água; 3. Solo; 4. Flora; 5. Fauna; 6. Homem; e 7. Oficina de Projetos. Cada módulo foi planejado minuciosamente por uma equipe multidisciplinar. Após a conclusão dos módulos, ocorreram reuniões com os educadores, no intuito de auxiliar nos projetos e estimular a formação de uma Rede de Projetos em Educação Ambiental (fase em andamento).

Foram selecionados para o curso trinta educadores de ensino fundamental e médio, da rede pública de diferentes escolas de Itaporanga D'Ajuda. Para a seleção atentou-se também para a questão de gênero (garantindo a presença de homens e mulheres) e multidisciplinaridade (educadores de diversas áreas).

O local escolhido para a realização do curso foi o Campo Experimental de Itaporanga D'Ajuda, da Embrapa, pois proporciona maior aproximação da natureza, atividades práticas, ao ar livre, além das palestras e apresentações dos facilitadores.

3.2 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

O perfil dos educadores foi feito a partir das fichas de inscrição utilizadas na seleção dos participantes do Curso, podendo-se assim conhecer as disciplinas ministradas por eles, as séries para os quais lecionam e experiências com educação ambiental.

A coleta dos dados foi feita através da observação livre durante o curso, sendo observados, anotados e gravados os questionamentos, comentários e comportamentos

dos educadores. Posteriormente, estes foram transcritos e analisados os discursos, sendo agrupados em categorias, segundo características semelhantes relacionadas à percepção ambiental.

O tratamento dos dados coletados foi feito a partir da análise de conteúdo, que de acordo com Bardin (1995) “é um conjunto de técnicas de análises das comunicações”. É um método clássico de análise de linguagem, que trata dos conteúdos da linguagem e dos conteúdos da ideologia.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. PERFIL DOS EDUCADORES

De acordo com a análise das fichas de inscrição e questionários utilizados na seleção dos educadores da rede pública de ensino de Itaporanga D’Ajuda, participantes do I Curso de Formação de Multiplicadores em Educação Ambiental, 59,26% é do sexo feminino. Isto se deve ao fato de que durante a seleção levou-se em consideração a questão do gênero, procurando-se manter equidade.

Residem no município de Itaporanga D’Ajuda 55,56% dos educadores, o que facilita a compreensão da realidade dos educandos, proporcionando o desenvolvimento de ações ligadas à educação ambiental com foco nos problemas locais. Destes, 53,33% moram no mesmo povoado onde está localizada a escola que trabalham, possibilitando intervenções relacionadas às questões ambientais no cotidiano dos educandos e da comunidade como um todo.

Com relação às séries, 90,20% dos educadores selecionados ministram aulas para o ensino fundamental, visto que a maioria deles trabalha na rede municipal de ensino de Itaporanga D’Ajuda, que só possui escolas de ensino fundamental. As escolas de ensino médio são estaduais, as quais dos seus educadores, apenas três participaram do Curso.

Quanto às disciplinas, 63,33% dos educadores são polivalentes, ou seja, lecionam todas as disciplinas do ensino fundamental.

Relacionada à experiência com educação ambiental, a maioria dos educadores respondeu não possuí-la, totalizando 70,37%. Destes, alguns justificaram nunca ter tido oportunidade de adquirir tal experiência, outros colocaram que apesar de não possuir experiência tem interesse pela temática e demonstraram se preocupar com as questões

ambientais, entretanto, a maioria apesar de ter respondido “não” à questão, expuseram no item “comentários” que desenvolvem atividades ligadas à educação ambiental com seus educandos.

Daqueles que possuem experiência com educação ambiental (29,63%), a maioria afirmou já ter executado projetos ligados ao tema nas escolas que trabalham.

A maior parte dos educadores colocou como expectativa acerca do Curso de Formação de Multiplicadores em Educação Ambiental, a oportunidade de ter acesso a informações que proporcionem o aprimoramento da prática pedagógica, no que diz respeito à temática meio ambiente:

“Espero que esse curso me dê suporte teórico e prático, para que eu possa aplicar os conhecimentos propostos em minha prática docente, junto a comunidade escolar. Dessa forma, espero desenvolver junto com a comunidade escolar um projeto de intervenção que seja executável na escola e que esteja como uma das ações a ser cumprida no PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola...” (Educador nº. 20)

Além disso, alguns educadores evidenciaram a perspectiva de estender as ações para o seu cotidiano, assim como para a comunidade do entorno da escola:

“Como eu moro em um povoado, tenho certeza que vou aproveitar bastante para o meu dia-a-dia e para passar para os meus alunos e também para comunidade.” (Educador nº. 19)

Compreender o contexto local é essencial para formular metodologias compatíveis com a realidade dos educandos. Dessa forma, a sensibilização ocorre de uma maneira mais eficaz, pois os sujeitos se identificam e vêem a situação do ambiente no qual estão inseridos. Com isso, busca-se o despertar do sentimento de pertença e consequentemente da vontade de mudar e cuidar do local onde vivem.

4.2. PERCEPÇÃO DOS EDUCADORES

4.2.1. ANÁLISE DA CONCEITUAÇÃO DE MEIO AMBIENTE

O primeiro módulo do I Curso de Formação de Multiplicadores em Educação Ambiental teve como objetivo fazer uma discussão inicial sobre o ambientalismo. Para tanto o facilitador utilizou a dinâmica dos cartões, onde os educadores responderam à pergunta “O que é ambientalismo/meio ambiente?” e, posteriormente, colaram-nos num mural.

Considerando que a Educação Ambiental tem sido realizada a partir da concepção que se tem de meio ambiente, é fundamental saber qual o significado atribuído pelos professores ao termo, mesmo que o conhecimento sistemático sobre o ambiente ainda esteja em plena construção (Sato,1997).

Nos discursos dos educadores encontram-se características de tendências preservacionistas, conservacionistas, sócio-ambientalistas e antropocêntricas, podendo haver predominância de uma sobre a outra.

Segundo Leis (1998) os preservacionistas adotavam posições mais radicais, buscando preservar as áreas virgens de qualquer uso, permitindo nelas apenas atividades recreativas ou educacionais, trata-se de uma visão purista da natureza, em que o ambiente natural deve permanecer intocado e intocável na sua forma primitiva. Já os conservacionistas manifestavam uma atitude mais moderada, pretendendo que os recursos naturais fossem explorados de um modo racional que os protegessem de sua degradação.

Antropocentrismo é uma corrente de pensamento que se baseia na idéia de que o homem tem direito de posse e controle dos recursos naturais, podendo explorá-los em benefício próprio, por meio da utilização de meios científicos e tecnológicos de que ele dispõe, considerando que a natureza não possui valor em si. Assim, podemos verificar que alguns educadores têm forte tendência a esta corrente, como na seguinte intervenção: “O homem deve estar no centro, pois o mundo está em constante mudança e ele tem que arranjar formas de sobreviver, independente do fato dos outros animais ou plantas morrerem ou sobreviverem.” (Educador nº26)

Já o discurso sócio-ambientalista dá ênfase à dimensão humana do meio ambiente, construído a partir do cruzamento da natureza e da cultura. Segundo Sato (2005) nesta corrente ambientalista há uma preocupação com a gestão ambiental.

Esta tendência se destaca nos conceitos dados pelos educadores que, em sua maioria, levam em conta o fator humano e se preocupam com a gestão dos recursos naturais para que sejam utilizados de forma adequada, evitando assim sua escassez. Isto pode ser observado em alguns dos conceitos por eles apresentados:

“Ambientalismo é consciência; é respeito ao que é essencial a vida. Nós fazemos parte do ambiente e sendo assim, precisamos estar em equilíbrio com este todo...” (Educador nº 08)

“É todo o contexto do qual o homem está inserido. E as suas relações com a natureza, sejam elas sociais, econômicas e culturais.” (Educador nº 05)

11

4.2.2.METODOLOGIAS UTILIZADAS PARA SENSIBILIZAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Nos demais módulos do I Curso de Formação Multiplicadores em Educação Ambiental foram discutidos os temas ar, água, solo, flora, fauna, homem e pedagogia de projetos.

Nos momentos de experimentos e práticas relacionados aos temas dos módulos ocorreram trocas de experiências com os educadores. Eles interagiram, discutiram e sugeriram formas de aplicar tais experimentos no seu cotidiano escolar, como pode ser observado na fala transcrita: “O terrário também pode ser utilizado para trabalhar com os estudantes medida de tempo, proporcionalidade, percentagem, formas geométricas, etc.” (Educador nº 20).

A interdisciplinaridade foi discutida pelos educadores, evidenciando as dificuldades de praticá-la, principalmente devido ao fato de especializarem-se cada vez mais as áreas do saber, como lembra o educador: “Temos uma herança cartesiana muito forte, que eu sou professor de História, ele é professor de Português e não nos comunicamos, até para não demonstrar que não sabemos sobre o assunto.” (Educador nº 26).

Entretanto, durante os momentos das dinâmicas e práticas, alguns educadores demonstraram em suas intervenções que é possível associar os conhecimentos de diversas disciplinas, como pode ser observado na fala do educador: “Em artes, pode-se

trabalhar com cerâmica, argila, testando os tipos de argila, para verificar qual a mais indicada para determinada cerâmica” (Educador nº 21).

Momentos como a “dinâmica das pegadas”, em que o facilitador do módulo “fauna” fez demonstrações de técnicas de coleta de pegadas de animais, exercitando-as com os educadores, possibilitando, a muitos deles, instantes de resgate do passado, relembrando outras experiências, até mesmo da infância e de contos folclóricos. Assim, relatou um dos educadores:

“Uma coisa que eu já fiz foi no movimento de escoteiros, quando íamos para algum lugar, procurávamos ver se tinha pegadas de animais, fazíamos moldes das pegadas com gesso, além de observar as aves existentes.” (Educador nº 21).

A sensibilização ambiental não ocorre, única e exclusivamente, pela via racional, pelas construções conceituais, mas através de um amplo caminho onde se cruzam imaginação, contemplação e reflexão (Marin et al., 2003).

A visualização de animais empalhados também auxiliou nas reflexões acerca de práticas pedagógicas e da associação deste tema com as diversas disciplinas. O que pode ser observado nestas falas:

“Dá para trabalhar a forma, a anatomia dos animais, fazendo até uma comparação com o homem, nas aulas de educação física.” (Educador nº 07)

“Sou professor de matemática e física e trabalho este tema de forma aleatória, quando leio ou vejo alguma reportagem ou notícia levo para as aulas. Mas, olhando as garras da coruja, existe algo semelhante para ancorar navios, o vôo fez com que criassem os aviões, então o homem vê e coloca no papel para criar algo útil para si...” (Educador nº 20)

A cultura local também foi foco de discussões, pois no módulo referente ao tema “homem”, houve exibição de vídeo sobre o grupo de samba de coco e reisado, da Ilha Mem de Sá (localizada nas proximidades do Campo Experimental de Itaporanga

D'Ajuda). Estes foram instantes de reflexão sobre a importância da cultura para a conservação do meio ambiente e sobre a valorização cultural da região, que leva os homens a relembrem seus antepassados e o modo como eles se relacionavam com a natureza, de maneira menos degradante e com certo respeito. Como comentou um dos educadores, acerca da identidade cultural:

13

“A identidade é mais importante que a ideologia, então sem a identidade, dialogando também com a questão da cultura, nós não temos como resistir, pois o capitalismo se apropria da cultura das populações tradicionais para comercializar, fazer propaganda.” (Educador nº 23)

A utilização de músicas é um método interessante de sensibilização, que faz com que a mensagem seja internalizada de maneira mais fácil e leva as pessoas a refletirem, como ressalta Tuan (1980): “...Para muitas pessoas, a música é uma experiência emocional mais forte do que olhar quadros e cenários...”.

Em alguns momentos do Curso esta técnica foi utilizada, o que provocou sensações de angústia, revolta e saudade, como o que ocorreu ao escutarem a música “Matança” (Xangai), que trata do desmatamento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação com as questões ambientais é evidente entre os educadores observados. Entretanto, percebe-se que há certa deficiência na formação acadêmica, onde se prima por especializar e compartimentar o conhecimento por áreas, dificultando assim a prática multi, inter e transdisciplinar.

É imprescindível que se proporcionem momentos de capacitação para os educadores, onde possam ser discutidas as questões ambientais e formuladas metodologias para a inserção da educação ambiental nos currículos. Foi possível constatar que eles têm grande interesse e vontade em adquirir informações e se capacitarem, para que possam associar teorias e práticas no seu dia-a-dia na escola, buscando uma real interdisciplinaridade.

A análise da influência das correntes ambientalistas na percepção ambiental dos educadores mostra tendências tanto preservacionistas, antropocêntricas, sócio-ambientalistas quanto conservacionistas. Entretanto, pode-se afirmar que tais correntes de pensamento aparecem mescladas nos discursos dos educadores, apesar da ocorrência de momentos em que alguma corrente se destaque sobre a outra.

A compreensão destas diferentes perspectivas de leitura acerca do ambiente por parte destes educadores demonstrou o papel preponderante da construção de referenciais de educação ambiental que contribuam na conformação de uma prática pedagógica fundamentada nos princípios da sustentabilidade ambiental.

As concepções sobre a natureza são histórica e culturalmente determinadas e o reconhecimento destas diferenças pode auxiliar na elaboração de uma análise crítica sobre maneiras de compreender e lidar com o mundo.

O reconhecimento destas distintas concepções torna-se, assim, extremamente relevante na elaboração de cursos e momentos de capacitação para os profissionais ligados à área da educação. Deve-se considerar também a realidade do local onde estão inseridas as unidades de ensino, concedendo informações importantes sobre as atitudes e a percepção ambiental dos educandos.

A educação ambiental não se limita a transmitir conhecimentos dispersos sobre o meio ambiente, trata-se de uma pedagogia da ação e pela a ação. Assim, seu principal objetivo é promover a mudança de comportamento do sujeito, em sua relação cotidiana com o meio ambiente e com os recursos naturais, promovendo hábitos ambientalmente responsáveis.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BRASIL. **Política Nacional do Meio Ambiente**. Lei n.º9.795. Brasília: MMA, 1999.
- BRUNDTLAND, G.H. **Nosso Futuro Comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.
- DIAS, G.F. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 8. ed. São Paulo: Gaia, 2003.
- EMBRAPA TABULEIROS COSTEIROS. **Gestão Ambiental na Reserva do Caju**. Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2006.
- HAMMES, V.S. **Proposta metodológica de macroeducação**. v.2. São Paulo: Globo, 2004.
- LEIS, H. R. **Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1998 .
- MARIN, A. A.; OLIVEIRA, H. T.; COMAR, Vito. A Educação Ambiental num Contexto de Complexidade do Campo Teórico da Percepção. **Interciencia**, v.28, n.10. Caracas, 2003. Disponível em: http://www2.bvs.org.ve/scielo.php?pid=S037818442003001000012&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 02/08/2008.
- MEADOWS, D. L.; MEADOWS, D. H.; RANDERS, J. et al. **Limites do crescimento: um relatório para o Projeto do Clube de Roma sobre o dilema da humanidade**. São Paulo: Perspectiva. 1972.
- McCORMICK, J. **Rumo ao Paraíso: a História do Movimento Ambientalista**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- OLIVEIRA, N.A. da S. A Educação Ambiental e a Percepção Fenomenológica, através de Mapas Mentais. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 16. Jan./jun. 2006. Disponível em: <http://www.remea.furg.br/edicoes/vol16/art03v16.pdf>. Acesso em: 27/07/2008.
- REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 1995.
- ROCHA, R.G. Ecoideologias associadas aos movimentos ambientais: contribuições para o campo da educação ambiental. **Educar em Revista**, n.27. Curitiba, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010440602006000100005&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 10/08/2008.

SATO, M. 1997 **Educação para o Ambiente Amazônico**. Tese (Doutorado em Ciências) - PPG-ERN/UFSCar, São Carlos. Disponível em: http://www.ufmt.br/gpea/pub/SATO_Dout.pdf. Acesso em: 18/06/2008.

SATO, M.; CARVALHO, I. **Educação ambiental**: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005.

TEIXEIRA, A.C. Educação ambiental: caminho para a sustentabilidade. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, n.2. Brasília: Rede Brasileira de Educação Ambiental, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.